



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 6, art. 13, p. 225-240, nov./dez. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.6.13>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Psicogênese e Cultura no Conto de Clarice Lispector: Uma Interlocação com Wallon e Vigotski

Psychogenesis and Culture in the Tale of Clarice Lispector: An Interlocution with Wallon and Vigotski

Fábio Pinheiro Pacheco

Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará
Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará
Professor substituto da Universidade Estadual do Ceará
E-mail: pfabiopinheiro@gmail.com

Jamille Cavalcante de Oliveira

Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará
E-mail: milly_edh@hotmail.com

Ruth Maria de Paula Gonçalves

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará
Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará.
E-mail: ruthm@secrel.com.br

Endereço: Fábio Pinheiro Pacheco

Universidade Estadual do Ceará, Curso de Psicologia -
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi, CEP
60741-000 - Fortaleza – CE – Brasil.

Endereço: Jamille Cavalcante de Oliveira

Universidade Estadual do Ceará, Curso de Psicologia -
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi, CEP
60741-000 - Fortaleza – CE – Brasil.

Endereço: Ruth Maria de Paula Gonçalves

Universidade Estadual do Ceará, Curso de Psicologia -
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi, CEP
60741-000 - Fortaleza – CE – Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 02/07/2018. Última versão
recebida em 29/07/2018. Aprovado em 30/07/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O artigo tem por objetivo discutir elementos presentes na teoria psicogenética de Henri Wallon (1872-1962) e na Psicologia Histórico-Cultural de Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), por meio da interlocução com o conto “Desenhando um menino”, de Clarice Lispector (1920-1977). Para tanto, narramos algumas descobertas de um bebê, que, em interação com a mãe e com o ambiente em que vive, percebe-se capaz de se expressar, comunicar-se e agir, atividades centrais em seu processo de tornar-se humano. A perspectiva dialética presente nos delineamentos teóricos dos autores destaca-se no presente manuscrito, tornando nítida a formação do homem como um processo social e historicamente mediado.

Palavras-chave: Psicogênese. Clarice Lispector. Desenvolvimento Cultural.

ABSTRACT

This article aims to discuss about elements present in the Psychogenetic theory by Henri Wallon (1872-1962) and the historical-cultural psychology by Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), through the interlocution with the tale “Drawing a boy”, from Clarice Lispector (1920-1977). For this purpose, we have narrated some discoveries of a baby, that in interaction with its mother and the environment where it lives, feel itself able to expressing, communicating and acting, thereby starting its process of becoming human. The dialectic perspective presente in the authors’ theoretical delineates is highlighted in this manuscript making this formation of a man as social and historically mediated process.

Keywords: Psychogenesis. Clarice Lispector. Cultural Development.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de Clarice Lispector (1920-1977) é permeada por questões psicológicas que emergem de um contexto histórico-cultural, denotando as mediações entre subjetividade e objetividade, próprias da inteireza humana. Em muitos de seus escritos, observa-se que a autora escreve sobre cenas aparentemente comuns do cotidiano, no entanto, apresenta elementos capazes de revelar a constituição psicológica da pessoa que vivencia a cena. Este estudo consiste em estabelecer um breve diálogo entre a teoria psicogenética walloniana, a psicologia histórico-cultural e a literatura de Clarice Lispector, especificamente a partir do conto “Desenhando um menino”, a fim de compreender o desenvolvimento psicogenético humano, considerando o homem como sujeito social e historicamente mediado. Com efeito, a perspectiva histórico-cultural reconhece o sujeito como um ser dotado de características de origem biológica, cujas humanização e hominização ocorrem através da processualidade histórica no mundo dos homens (VIGOTSKI 2000; LEONTIEV, 1978; SHUARE, 1990).

Dessa forma, concebe que o indivíduo aprende a ser um homem e essa aprendizagem decorre da apropriação do desenvolvimento histórico da sociedade humana, por meio do trabalho, da linguagem, dos papéis sociais, etc. A síntese walloniana da pessoa completa consiste na relação estabelecida entre as condições orgânicas e de existência cotidiana, postas numa dada forma de sociabilidade em um dado tempo histórico, com a riqueza material e cultural engendrada pelos Homens (WALLON, 1968; MAHONEY; ALMEIDA, 2012).

O conto “Desenhando um menino” narra um momento de interação de um bebê com seu meio, no qual, a mãe representa a mais importante fonte de contato da dimensão humano-social. Pode-se caracterizar o bebê do conto como portador de uma carga genética que é desenvolvida, aos poucos, em decorrência das interações estabelecidas no decorrer da narrativa. Com efeito, trata-se de um bebê que se expressa através das emoções, as quais, por sua vez, são envolvidas por um jogo simbólico advindo da interação com a mãe, grande responsável por incluí-lo no meio social.

A estrutura deste artigo compreende três tópicos principais: aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, com ênfase no estágio impulsivo emocional, evidenciando alguns elementos do estágio sensório-motor e projetivo na concepção de Wallon (1872-1962); em seguida, situamos a relação dialética entre o homem e seu meio social, demarcando aspectos referentes ao desenvolvimento no primeiro ano de vida, destacando especialmente, os estudos de Vigotski (1896-1934) permeados pelas formulações de Wallon,

ressaltando o papel da linguagem na formação humana. Todos esses tópicos estabelecem interlocuções com trechos constantes do conto de Clarice Lispector.

A utilização do conto “Desenhando um menino” como percurso de diálogo com a temática se dá pelo fato de reconhecermos que a arte pode proporcionar uma compreensão abrangente acerca das vivências humanas, sendo um forte aliado do método acadêmico-científico na apreensão do real em movimento. Como afirma Vigotski (1999), a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, o que o permitiu enxergar a potencialidade de tal produção humana. Intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais de determinada época, a arte teria seu material e seu conteúdo retirados da realidade e trabalhados a partir desta, mas sem constituir-se como sua cópia fiel. Seria, portanto, fruto da ação criativa humana, um produto cultural capaz de mediar a relação entre o indivíduo e o gênero humano.

Com efeito, Vigotski (1999) defende a importância de uma relação íntima entre psicologia e arte, pois considera esta como via de expressão da sociedade que lhe dá origem, objetivando características psicológicas complexas. O autor, inclusive, vale-se de um dos mestres da literatura russa, Liev Tolstói, em alguns de seus escritos que compõem a coletânea *Obras Escogidas*, no intuito de analisar concepções sobre educação estética.

Nesse sentido, a escolha pela escritora Clarice Lispector justifica-se pelo fato de que sua literatura apresenta personagens envolvidas pelo encontro de si mesmas, revelando a particularidade da relação entre o indivíduo e sociabilidade. As personagens e cenas são descritas de forma dialética, apresentando elementos conflituosos e, por vezes, contraditórios que dão corpo às características psicológicas das personagens e o contexto no qual elas estão inseridas. Embora as obras da autora datem do século passado, as situações descritas pela autora mostram-se atuais, como a relação de um bebê com a mãe presente no conto utilizado nesse artigo. Desse modo, a escrita de Lispector ilumina o trajeto teórico deste estudo ao possibilitar reflexões que proporcionam uma maior abertura conceitual, sem perder o rigor metodológico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O desenho psicogenético do menino

Wallon e Vigotski formularam concepções sobre o desenvolvimento humano, preocupando-se com a gênese da existência do ser social em sua démarche histórica. Nesse sentido, trazemos delineamentos teóricos sobre os estágios de desenvolvimento, elaborados

pelos autores, evidenciando aspectos da teoria de Wallon, dialogando com os estudos vigotskianos sobre o desenvolvimento infantil, com vistas a examinar a temática em foco. Prosseguindo, destacamos aspectos da obra Vigotskiana, ao pôr em tela questões mais voltadas para a perspectiva dialética de formação humana no movimento do real. Situamos o trabalho como categoria fundante do ser social e a linguagem como elemento central na formação humana, signo por excelência, destacando a mediação na relação entre mãe e bebê, sujeitos do conto de Lispector. Com efeito, ao longo do texto buscamos estabelecer o diálogo entre Wallon, Vigotski e Lispector.

Wallon (1968) dedicou-se, em seus estudos, à teorização da psicogênese da pessoa em sua inteireza, cuja centralidade é o desenvolvimento das dimensões afetiva, cognitiva e motora. Para o pensador francês, a existência do homem ocorre por meio de uma dialética entre as exigências do organismo e da sociedade. Assim, o homem é concebido com um ser organicamente social, tendo em sua estrutura orgânica uma intervenção dos aspectos sociais e culturais para que o seu desenvolvimento possa se atualizar. Observa-se que a maturação biológica é um fator secundário no desenvolvimento das formas complexas do comportamento humano, pois essa maturação depende da interação do indivíduo e sua cultura (WALLON, 1968; 1990; ALMEIDA, 1999).

Wallon (1986; 1990) compreende o desenvolvimento psíquico como um processo descontínuo, caracterizado por contradições, rupturas e conflitos que são resultados da maturação orgânica e das condições culturais. A concepção de desenvolvimento é, portanto, de um processo aberto, no qual o caminho de sua formação não é acabado ou fechado, mas como percurso de constantes mudanças no meio histórico e social que proporcionam alterações em cada fase do desenvolvimento.

Embora o desenvolvimento tenha sido concebido como um processo aberto, Wallon o subdividiu em alguns estágios: Impulsivo Emocional (0 a 1 ano); Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos); Personalismo (3 a 6 anos); Categorical (6 a 11 anos); Puberdade e Adolescência (11 anos em diante). Wallon (1968) considera cada um dos estágios em sua totalidade e sua sucessão ocorre de forma descontínua. Com efeito, a passagem de um a outro não é simples amplificação, mas um remanejamento; as atividades preponderantes no primeiro estágio são reduzidas e, às vezes, suprimidas aparentemente no seguinte.

Este percurso não é linear, no qual os estágios anteriores são superados pelos posteriores, uma vez que, para Wallon (1968), aspectos dos diferentes momentos do desenvolvimento podem reaparecer em outra fase da vida, adquirindo novos sentidos, de acordo com as diferentes condições do sujeito. A passagem de um estágio a outro é marcada

por crises e conflitos, e é a solução dessas demandas que possibilita esta passagem, uma vez que o sujeito cumpriu as exigências que o meio social lhe solicita (WALLON, 1968; MAHONEY; ALMEIDA, 2012).

Pelo contrário, para quem não separa arbitrariamente comportamento e as condições de existência próprias a cada época do desenvolvimento, cada fase constitui, entre as possibilidades da criança e o meio, um sistema de relações que os faz especificarem-se reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. É composto por tudo aquilo que possibilita os procedimentos de que dispõe a criança para obter a satisfação das suas necessidades. Mas por isso mesmo é o conjunto dos estímulos sobre os quais exerce e se regula a sua atividade. Cada etapa é ao mesmo tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (WALLON, 1995, p. 48).

Além disso, na passagem de um estágio para o outro atuam três leis reguladoras: alternância, predominância e integração funcionais. A primeira consiste em alternâncias opostas entre os estágios, que podem apresentar um movimento predominante para dentro, um conhecimento voltado para si; ou um movimento para fora, conhecimento do mundo exterior.

A segunda lei consiste na predominância funcional de cada estágio, a qual pode ser motora/afetiva ou cognitiva. A interação dessas duas leis possibilita que cada estágio seja marcado pelo direcionamento do desenvolvimento para si (desenvolvimento centrípeto) ou para a exploração do mundo exterior (desenvolvimento centrífugo). A terceira lei descreve que há uma relação entre os estágios, na qual todos agem como conjuntos hierarquizados, sendo desenvolvidos dos mais simples aos mais complexos (WALLON, 1968; MAHONEY; ALMEIDA, 2012). Para Wallon (1990), o desenvolvimento da criança, através dos progressos apresentados não são uma mera soma de funções. O comportamento de cada idade é um sistema, no qual cada uma das atividades já possíveis se integra às demais, sendo seu papel definido pelo conjunto.

Baseando-se nessas concepções, ao discutirmos neste tópico a psicogênese do indivíduo, situamos o primeiro estágio de desenvolvimento, o Impulsivo Emocional, trazendo em destaque o bebê do conto de Lispector (1999).

O estágio Impulsivo Emocional ocorre por volta de zero a um ano, e pode ser subdividido em dois momentos principais: o impulsivo e o emocional. No primeiro, as atividades do bebê são predominantemente voltadas para a exploração do próprio corpo em relação às suas sensibilidades internas e externas; ele se comporta com movimentos desordenados, bruscos, que expressam grande impulsividade motora. No conto, pode-se observar esse primeiro momento quando a narradora descreve que o menino “cambaleia sobre

as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguindo isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou.” (LISPECTOR, 1999, p. 86). Pode-se observar, com base em Wallon (1968), que as transformações das descargas motoras são utilizadas como formas de expressão e comunicação que são características desse estágio.

Em outro momento, “o braço [do menino] ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E, de súbito, como para prender um inefável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão [...] então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino.” (LISPECTOR, 1999, p. 86-87). É importante salientar que nesse estágio o bebê encontra-se em relações simbióticas, tanto biológicas quanto afetivas, as quais terão o meio humano como o mediador entre os fatores fisiológicos e sociais. Assim, o bebê ainda se confunde com a sua própria realidade exterior, não se percebe como indivíduo diferenciado, o que se dará a partir das interações sociais.

Mais adiante no conto, o segundo momento do estágio pode ser observado: “o que ele pensa estoura em choro pela casa toda. Enquanto chora, vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá.” (LISPECTOR, 1999, p. 87). No momento emocional, o bebê passa a reconhecer diferentes padrões para algumas emoções (medo, alegria, raiva, entre outras), expressas, principalmente, por descargas motoras e expressões faciais. Entretanto, é necessário que o meio social possa interpretar essas manifestações emocionais, construindo um repertório de significados comuns na relação entre ambos. Para Wallon (1968, p. 68),

[...] a solicitude do adulto é um diálogo que ele oferece, por um esforço de simpatia intuitiva, as respostas que não obtém; em que interpreta os menores indícios; em que crê poder completar manifestações lacunares e inconsistentes relacionando-as a um sistema de referências.

Na concepção walloniana, as emoções são manifestações da vida afetiva acompanhadas de alterações orgânicas que provocam mudanças na postura e na mímica facial. Além disso, a emoção possibilita a origem da consciência, proporcionando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico (WALLON, 1968; ALMEIDA, 1999).

Para o autor, a natureza da emoção resulta fortemente de um elemento que lhe é essencial: a contagiosidade entre as pessoas, implicando relações interindividuais, por conseguinte, relações coletivas. Ademais, “[...] as emoções supõem desde o princípio, em

cada indivíduo que se abandona às suas manifestações, o poder de experimentar-lhe o significado (WALLON, 1968, p. 145) o que denota a plasticidade; capacidade de refletir no corpo, os sinais da emoção. Tais mecanismos podem ser identificados no conto, no trecho a seguir:

[...] com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe (LISPECTOR, 1999, p. 87).

Para Wallon (1986), a simples associação fisiológica do recém-nascido em relação à mãe, dá lugar, ou melhor, se faz acompanhar da expressividade e o efeito obtido torna a manifestação emotiva mais intencional. Portanto, é a “presença do outro que garantirá não só a sobrevivência física, mas também a sobrevivência cultural pela transmissão de valores referentes às técnicas, crenças, ideias e afetos predominantes na cultura” (ALMEIDA, 1999, p. 15). Parte desse arcabouço cultural é transmitida pelo outro através das variações da linguagem que para Wallon (1968, p. 64), “[...] implica conexões intelectuais que se sobrepõem as conexões sensório-motoras, um sistema complexo [...] que varia entre os sujeitos”, representada, por exemplo, nesse trecho do conto em tela:

Isso mesmo! diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que se diz: fonfom, meu amor! diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo [...]. (LISPECTOR, 1999, p. 88).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Desenhando um menino: a dialética entre o homem e o meio

Desvendar a gênese do psiquismo humano no contexto das relações sociais foi um dos desafios a que se propuseram Wallon e Vigotski em seus estudos. O psicólogo soviético apresenta a periodização das idades, desde o primeiro ano, passando pela infância, idade pré-escolar, idade escolar, chegando à puberdade, referenciando as crises que ocorrem no período pós-natal, no primeiro ano de vida, aos três, aos sete, treze e dezessete anos. Para Vigotski

(2006), a tese mais geral sobre desenvolvimento humano é a de que, apesar de toda complexidade da organização e composição do desenvolvimento de cada período de idade, bem como da multiplicidade de seus elementos, tal processo constitui um todo único e possui uma estrutura determinada.

As leis que regem a formação desse todo determinam a estrutura e o curso de cada processo do desenvolvimento particular que forma parte dessa totalidade, estando, portanto, para além da soma de partes isoladas. Com efeito, as idades constituem formações globais e dinâmicas, nas quais encontramos sempre uma nova formação central como uma espécie de guia para todo o processo de desenvolvimento que caracteriza a reorganização da personalidade da criança sob uma nova base.

Pensar o desenvolvimento do psiquismo a partir da leitura de Wallon e Vigotski envolve a compreensão de desenvolvimento humano, como produção histórica dos homens no interior das relações que estabelecem entre si e com a natureza (FACCI, 2004). Nesse sentido, é possível afirmar que as características tipicamente humanas não estão presentes no indivíduo desde o seu nascimento, nem são mero resultado das pressões do meio.

Como sinalizam Werebe e Nadel-Brulfert (1986, p. 15), “[...] a base marxista na teoria de Wallon implica no entendimento de que a essência não é anterior a existência, e a consciência psíquica, o sentimento de unidade e de coerência do eu não precede a organização das relações entre as diversas modalidades sensoriais [...]”. Para o psicólogo soviético, tais características resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural, na qual a categoria trabalho toma assento como ato-gênese. Nas palavras de Vigotski (1999, p. 223):

Por conseguinte, o conhecimento científico, considerado como conhecimento da natureza e não como ideologia, constitui um tipo de trabalho e como todo trabalho é, antes de mais nada, um processo entre o homem e a natureza. E, nesse processo, o próprio homem enfrenta a natureza enquanto força surgida no seu seio.

Na medida em que o ser humano transforma o seu meio para atender às suas necessidades básicas, ele transforma também a si mesmo, isto é, essa modificação realizada por seu próprio comportamento no ambiente irá influenciar também o seu comportamento futuro. A riqueza da diversidade qualitativa das funções psicológicas superiores, aquelas que constituem o funcionamento psíquico tipicamente humano, está consubstanciada nas relações que o homem em sua singularidade estabelece com outros homens e com a natureza. Elimina-se a ideia de que as características do funcionamento psicológico tipicamente humano, tais

como a memória voluntária, a imaginação, entre outras, é dada desde o nascimento, isoladas do processo histórico ou do modo de sociabilidade em que os homens produzem sua existência.

Sendo assim, compreende-se que a carga genética não é responsável, sozinha, por fazer de um ser humano um *homem*. É fundamental que a relação indivíduo-sociedade se efetue, para que, dessa forma, se inicie a internalização das formas culturais de comportamento.

O conto “Desenhando um menino” descreve um trecho da trajetória empreendida por um bebê rumo à sua humanização: “o menino é aquele em que acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. ” (LISPECTOR, 1999, p. 85). Observa-se que a autora chama atenção para um sujeito cujo devir está vinculado à esfera sócio – econômica, na qual a relação entre sujeito e objeto se consolida.

Vigotski (2006) cita Buhler para assinalar que o primeiro contato do bebê com a mãe é a tal ponto estreito que se pode falar até mesmo de uma fusão de existências. Durante o processo, avanços psicomotores e cognitivos vão surgindo: o bebê engatinha, cambaleia, balbucia e chora, tudo isso em interação com o meio físico (que aos poucos lhe deixa de ser estranho) e com outros indivíduos humanos, no caso, sua mãe.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve consequências e consequências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. (Lispector, 1999, p. 86).

Em seus passos ainda curtos e incertos, o menino já percebe que há um mundo ao seu redor que pode ser tocado, conhecido, explorado. No entanto, o bebê ainda é pura *atualidade*, como descreve a narradora. Como afirma Vigotski (2006), sua atividade psicológica é bastante elementar e influenciada por sua herança biológica. Com efeito, a supremacia dos afetos primários se constitui quando o restante do aparato psíquico, relacionado com as funções sensoriais, intelectuais e motoras, ainda não está bem desenvolvido.

Todavia, vale ressaltar que os fatores biológicos só têm preponderância sobre os sociais no início da vida. Aos poucos, o bebê irá se apropriar de uma história e de uma cultura, que passarão a lhe dizer respeito como ser social. Vigotski (2006), com base em seus estudos sobre o desenvolvimento no primeiro ano de vida, reconhece que tal sociabilidade

caracteriza-se por ser bastante específica, peculiar, por assim dizer. O psicólogo soviético sinaliza que o bebê depende dos adultos para satisfazer suas necessidades mais importantes e elementares. Desse modo, o caminho através dos adultos torna-se a via principal da atividade da criança nesta idade.

Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo, mas para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar. Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. (LISPECTOR, 1999, p. 85-86).

Para Vigotski (2006), a motricidade não parte da soma de movimentos isolados, particulares, para formar atos integrais, ou seja, não vai da parte ao todo, mas de movimentos integrados que, agrupados, envolvem todo o corpo. Quanto à relação entre pensamento e linguagem, para o autor, cada criança que nasce é inserida em um mundo de significados, no qual as funções elementares do psiquismo vão evoluindo, atingindo, pela mediação, uma forma mais elaborada. Ainda que percorra passos que se assemelham aos das demais crianças em outros períodos da história da espécie, cada percurso consiste em algo qualitativamente novo, dada a concepção de sujeito social e historicamente mediado. O pequeno personagem do conto está, no decorrer de seu desenvolvimento, iniciando novamente todo o processo percorrido pela humanidade, porém sem reiniciá-lo propriamente.

A criança apreende de maneira ativa os conhecimentos e habilidades que foram construídos pela história social, ao longo de milênios: ela aprende a sentar, a andar, a falar, a comer com talheres, que nos remetem à esfera dos hábitos e costumes. Essas experiências podem ser acrescidas nas diversas esferas sociais, significando que, uma vez fornecidas pela cultura, podem ser internalizadas e reconstruídas pela criança, delas se apropriando à sua maneira. O indivíduo se constitui, portanto, como um ser diferenciado do outro, embora formado na relação com esse outro: singular, porém constituído socialmente.

3.2 O papel da linguagem no desenho do menino

Um dos principais postulados desenvolvidos por Vigotski diz respeito à mediação, apontada por ele como presente em toda atividade humana. São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. Os instrumentos têm a função de regular as ações sobre os

objetos, e os signos regulam as ações sobre o psiquismo das pessoas. Para Vigotski (2006), a invenção desses elementos mediadores significou um salto evolutivo para a espécie humana. Com efeito, as categorias trabalho e linguagem norteiam a concepção de homem e sociedade na perspectiva vigotskiana (SHUARE, 1990).

De acordo com Marx (1975), o desenvolvimento das habilidades específicas do homem, assim como a origem da sociedade humana, é resultado do surgimento do trabalho. É através do trabalho que o homem transforma a natureza e, conseqüentemente, se transforma, realizando atividades que atendam as necessidades postas pela objetividade. Para tanto, fabrica instrumentos e se relaciona com seus semelhantes.

O uso de instrumentos não está, por assim dizer, apartado do mundo animal. No entanto, diferentemente dos animais, o homem é capaz de construir um instrumento e guardá-lo para uso posterior, além de transmitir o conhecimento a respeito do uso daquele instrumento para outros homens. Isso decorre do fato do ser humano não se orientar somente pela impressão imediata e pela experiência anterior, como ocorre nos animais, mas pela possibilidade de abstrair, planejar, fazer relações e prever acontecimentos, através da mediação cultural. O homem tem acesso à dimensão dos conceitos abstratos, já que dispõe não apenas de um conhecimento sensorial, mas também de sua inteligibilidade.

Observa-se que foi fundamental o surgimento da linguagem, a qual, como reconhece Vigotski, é o signo mediador por excelência, uma vez que carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura. Tuleski (2006) assevera que a concepção vigotskiana entende a relação entre o pensamento e a linguagem como propulsora tanto da forma como do conteúdo da imaginação, dos sentimentos e da vontade. Desse modo, o comportamento infantil, auxiliado pelo pensamento verbal, socialmente apreendido, vai se libertando progressivamente dos impulsos e reações de base biológica, tomando suas características intelectuais. O bebê apresentado no conto experimenta suas primeiras palavras, ainda como “pensamentos altos”, que possibilitam sua comunicação com a mãe:

Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda. (LISPECTOR, 1999, p. 87).

A mãe rapidamente responde ao chamado do filho, o que reforça a compreensão do bebê de que o “choro” tem como resultado a presença da mãe, estabelecendo-se, então, uma

comunicação entre ambos. O bebê só iniciou seu choro por perceber a ausência da mãe; no entanto, não foi preciso que ela estivesse ali, concretamente, para que ele soubesse de sua existência. Dessa forma, por meio da palavra que ele aprendeu, pôde gritar e chamar pela mãe que não estava presente.

Nesse sentido, Vigotski (2006) identifica que o desenvolvimento do bebê em seu primeiro ano de vida é envolto em uma contradição entre a máxima sociabilidade, impregnada pela presença do adulto e a possibilidade mínima de comunicação. Para Facci (2004, p. 68): “A forma como a vida do bebê é organizada o obriga a manter uma comunicação máxima com os adultos, porém essa comunicação é uma comunicação sem palavras, muitas vezes silenciosa, uma comunicação de gênero totalmente peculiar. ”

Em outro momento, o bebê reconhece um som, um *significante* que foi apresentado pela mãe: “Mas de repente se retesa e escuta com o corpo todo, o coração batendo pesado na barriga: fonfom!, reconhece ele de repente num grito de vitória e terror – o menino acaba de reconhecer!” (LISPECTOR, 1999, p. 88).

O signo pode ser compreendido como aquilo (objeto, gesto, som...) que representa algo diferente de si mesmo. Ou seja, substitui e expressa ideias, eventos, objetos e situações, servindo como auxílio da memória e da atenção humana. A linguagem na psicologia Vigotskiana é considerada como um sistema de signos; no conto, o signo “fonfom”, para o menino, passou a ter um significado, que foi adquirido em contato com um determinado contexto social, afetivo e cultural, denotando a produção de sentido. Para o psicólogo russo, “é no significado da palavra que pensamento e linguagem se unem em pensamento verbal” (VIGOTSKI, 2001, p. 5). Daí considerar que uma palavra sem significado é um som vazio, asseverando que o significado é um critério da palavra.

Com o auxílio dos signos, o homem pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações. Na relação entre os instrumentos e os signos, Vigotski (1995) destaca que os primeiros serviriam de auxílio para ações concretas, enquanto os segundos seriam “instrumentos psicológicos”, com função de auxiliar nas atividades internas ao indivíduo. No entanto, ambos seriam fundamentais à internalização das práticas culturais, parte essencial da constituição do desenvolvimento humano. Conforme Tuleski (2006, p. 124):

Os signos, assim como os instrumentos, foram criados por necessidades humanas concretas, vinculadas à sobrevivência social, em cada período histórico. Da mesma maneira que os instrumentos, as funções superiores do pensamento, por operarem a partir de signos, se manifestam primeiro por necessidades da vida coletiva, e somente depois passam a fazer parte da conduta individual reflexiva infantil, isto é, de sua psique.

Wallon (1990, p. 144) reconhece que “com a linguagem aparece a possibilidade de objetivação dos desejos” e, em sua teorização a respeito das etapas de construção do eu, afirma que o surgimento da função simbólica resulta em uma nova forma de relação com o real, que emancipa a inteligência do quadro perceptivo imediato, preponderante no primeiro ano de vida. De acordo com o teórico, afetividade e inteligência alternam-se no consumo da energia psicogenética do indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento. Porém, há uma reciprocidade entre ambos: as aquisições em um desses campos repercutem no outro. Para evoluir, a afetividade depende de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa, como pode ser observado no seguinte trecho do conto:

O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. (Lispector, 1999, p. 86).

No que diz respeito ao despontar da função simbólica e da linguagem, além de responsáveis pela condução do pensamento discursivo, são também capazes de nutri-lo e alimentá-lo. A linguagem, como produto da razão humana, acaba, no curso da história, por se tornar sua fabricante. Com efeito, os significados construídos no mundo dos homens, consolidam a linguagem como via de materialização do pensamento. Para Wallon (1990, p. 144), “[...] a permanência e a objetividade da palavra permitem à criança separar-se de suas motivações momentâneas, prolongar na lembrança uma experiência, antecipar, combinar, calcular, imaginar sonhar [...]”. Nesse sentido, vale ressaltar a essencial interferência do meio social nesses processos, impossíveis de ser pensados fora de um contexto cultural e histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar as noções formuladas por Wallon e Vigotski, com o auxílio ímpar da narrativa de Lispector, possibilita uma compreensão sensível dos aspectos particulares que emergem dentro da relação dialética estabelecida entre o homem e a cultura. Resguardando as particularidades de suas formulações teóricas, ambos expressam uma concepção de

desenvolvimento que leva em conta a interação necessária ao processo de hominização e humanização.

Assim como foi representado no conto, pela figura do bebê, a maturação biológica é essencial no processo de desenvolvimento humano, porém não é ela que rege a transformação do homem em ser social, sendo necessário, para tanto, a apropriação ativa de todo o arcabouço histórico e cultural em que o indivíduo está inserido, decorrentes do trabalho como ato-gênese. O âmbito cultural se sobrepõe ao desenvolvimento biológico, criando funções antes inexistentes. Nesse sentido, tomando por base a dialética marxiana, presente na teoria vigotskiana, é válido lembrar que a cultura também sofre interferências do homem, ou seja, esta é uma relação em que ambos evoluem.

Por fim, urge registrar que não se espera de forma alguma findar as inúmeras possibilidades de reflexão e interlocação entre o conto “Desenhando um menino” com a psicogenética Walloniana e a Psicologia de Vigotski. Ao contrário, espera-se que este ensaio de compreensão do tema ora em debate, instigue mais discussões e questionamentos no que diz respeito à literatura como um todo, em especial a clariceana, e as perspectivas teóricas aqui destacadas, como universos que podem dialogar de modo mais profícuo do que se supõe.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. 1999. Emoção: considerações sobre a teoria de Henri Wallon. In: _____. **Emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus.
- FACCI, M. G. D. 2004. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 64-81.
- LEONTIEV, A. 1978. **O desenvolvimento do psiquismo**. Moscou: Livros Horizonte.
- LISPECTOR, C. 1999. Desenhando um menino. In: _____. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). 2012. **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Edições Loyola.
- MARX, K. 1975. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- SHUARE, M. 1990. **La psicologia tal como yo la veo**. Moscú: Editorial Progreso.
- TULESKI, S. C. 2006. **Vigotski: a construção de uma psicologia marxista**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá.

VIGOTSKI, L. S.1999. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S..2000. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L.2001. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. 2006. **Obras escolhidas**. Tomo IV. Madrid: Visor.

WALLON, H. 1968. *L'évolution psychologique de l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.

WALLON, H. 1990. Les studes de l'évolution psychologique de l'enfant. In: _____. **Psychologie et dialectique**: la spirale et le miroir. Paris: Messidor,. p.140-147.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. 1986. **Henri Wallon**. São Paulo: Editora Ática.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

F. P. PACHECO, J. C. OLIVEIRA, R. M. P. GONÇALVES, Psicogênese e Cultura no Conto de Clarice Lispector: Uma Interlocação com Wallon e Vigotski. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.6, art. 13, p. 225-240, nov./dez. 2018.

Contribuição dos Autores	F. P. Pacheco	J. C. Oliveira	R. M. P. Gonçalves
1) concepção e planejamento.	X		
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X